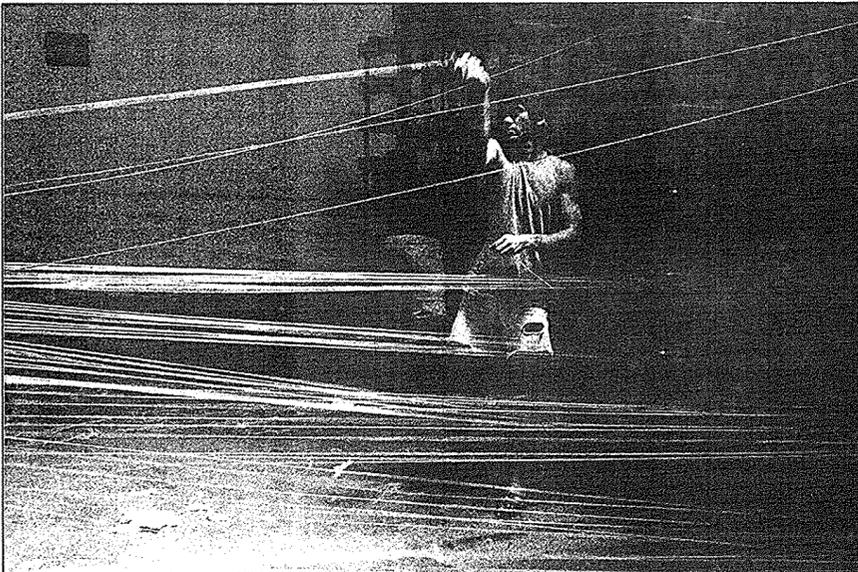


1/3/96 P. 26
162

FOTOGRAFIA



Trabalho com a juta: retrato do esforço manual e da dignidade do caboclo em condições precárias



Cotidiano às margens dos rios da região: fugindo das imagens da Amazônia da flora e fauna

Pedro Martinelli capta imagens de caboclos

'Palafitas da Amazônia' mostra trabalho do fotógrafo, que quer contar história visual da região

SIMONETTA PERSICHETTI
Especial para o Estado

Pedro Martinelli é fundamentalmente fotógrafo. Foi assim que começou há quase 30 anos. Trabalhou nos principais jornais e revistas do Brasil, como *O Globo*, *Veja*, *Placar*, mas não se limitou só a fotografar os fatos. Em sua carreira fez trabalhos para *Playboy* e para revistas de moda. Nunca esqueceu, porém, sua base jornalística.

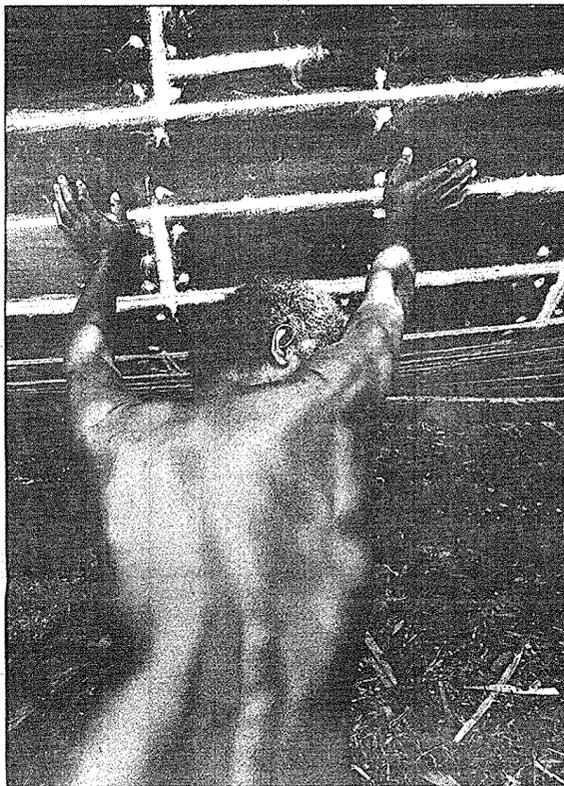
Num ensaio de moda publicado na revista *Elle*, ele resgatou um antigo trabalho sobre bóias-frias. As fotos serviram de base para vestir as modelos e o resultado foi um trabalho belíssimo e inovador. Agora, com toda essa bagagem, Martinelli está realizando seu sonho: fotografar o homem da Amazônia, o caboclo, mistura do índio com o colonizador, que há mais de 100 anos habita a região e, na verdade, é uma das raízes do povo brasileiro. Parte desse trabalho pode ser conhecida no Espaço Cultural Citibank (Avenida Paulista, 1.111, 576-2655) na exposição *Palafitas da Amazônia*, que fica em cartaz até o dia 10 de março.

Estado — Depois de 11 anos dirigindo o Estúdio Abril como você teve a idéia desse trabalho sobre a Amazônia?

Pedro Martinelli — Essa idéia nasceu antes de começar a trabalhar no Estúdio. Aprendi a enxergar a Amazônia, quando morei lá com os irmãos Villas Boas em 1970. Trabalhava com o jornal *O Globo* e fui enviado para acompanhar o contato com os índios gigantes. Lá, comecei a entender a Amazônia. Depois, fui trabalhar na *Veja* e fiz várias reportagens na região, mas na verdade me sentia um predador. Estava predando a informação. Você ia lá, passava uma semaninha para fazer um especial. Quatro fotografias eram enviados: um para Rondônia, outro para o Mato Grosso e outro para o Acre, voltando uma semana depois com o material. Aquilo me deixava magoado. Sentia que havia muita história para ser contada. Por isso, de dez anos para cá comecei a comprar tudo o que saía sobre a Amazônia. Percebi que a idéia que as pessoas têm da região é totalmente irreal e absurda. É uma Amazônia da fauna, da flora e dos índios. São livros lindos, poéticos e românticos, com fotos aéreas que mostram o rio, a exuberância da floresta, o jacaré de boca aberta, o macaquinho, o tucano e o índio na festa do quarup. Mas ninguém se preocupou em contar a história do indivíduo que habita essas margens dos rios, quem é esse caboclo, como ele vive, qual sua história. Então, ao longo desses 11 anos em que dirigi o estúdio, fui montando esse projeto, pesquisando, lendo vários autores. Percebi que havia então a brecha desse homem que nós acabamos atropelando e resolvi trabalhar no resgate dessa história e, por isso, fui para lá.

Estado — Você está na Amazônia há quanto tempo?

Martinelli — Dois anos. Mas estou estimando ficar lá uns cinco anos, até porque não acredito que ninguém possa fazer alguma coisa razoavelmente séria na Amazônia em menos tempo. Pretendo melhorar a qualidade de informação sobre a Amazônia, para que as pessoas tenham um me-



O homem caboclo: um dos elementos formadores do povo brasileiro

lhor entendimento do que ocorre por lá: o esforço e a dignidade de um homem que faz as coisas com as mãos, nas condições mais terríveis do mundo. Essa história visual é que precisa ser contada.

Estado — Você está lá por conta própria?

Martinelli — Agora, tenho o patrocínio da Kodak e do Laboratório Imagica, que revela e faz todas as minhas cópias.

Estado — Você é fotógrafo e agora escolheu fazer um trabalho mais elaborado. Como você vê o futuro do fotojornalismo?

Martinelli — O futuro é negro. Negro porque hoje até o termo fotojornalista está mal empregado. Fotojornalismo virou serviço. Todo jornal querendo virar revista e toda revista querendo virar um catálogo de prestação de serviço. Então, o fotógrafo virou um "registrador". O que faz o jornalismo de serviço é ótimo, mas é péssimo para o fotógrafo.

Estado — Você acha que o fotojornalismo acabou por causa da concorrência com as imagens da TV?

Martinelli — A grande habilidade da fotografia é visualizar um espaço e ocupar esse espaço que a mídia eletrônica (televisão) deixa em aberto. Com essa rapidez toda, muitas vezes as reportagens já estão prontas antes de começarem a ser realizadas. Já na mídia impressa o fotógrafo deve ficar quieto acompanhando os fatos. Assim é que nasceu o fotojornalismo, descritivo. O fotojornalista é o sujeito que sai, acompanha os fatos e relata para seu leitor exatamente da forma como aconteceram. É para isso que existe o fotógrafo. É isso que eu faço na Amazônia. É diferente de quando fotografava uma mulher para a *Playboy*. Nesse momento, eu estou construindo uma imagem. Eu dirijo o personagem. Na televisão, as histórias são malconta-

das, eles atropelam a história. É para isso que o fotógrafo tem de estar atento.

Estado — Então por que os fotógrafos não aproveitam essas brechas?

Martinelli — Porque eles ainda não se deram conta disso. Eles precisam ficar mais atentos.

Estado — O que caracteriza uma fotografia documental? É a atemporalidade?

Martinelli — É óbvio. Faço fotos para a contemplação, para remeter as pessoas a outro sonho, a outra viagem. A televisão não faz isso. A velocidade atrapalha a informação deles. Estou trabalhando agora, por exemplo, no resgate da memória. Documentação é isso, resgatar a memória do brasileiro. Muitas vezes são histórias simples, mas têm a força do homem, da dignidade do homem da Amazônia. São histórias desconhecidas.

Estado — Por que em geral os fotógrafos documentais trabalham em preto-e-branco?

Martinelli — Porque com o preto-e-branco eu transmito muito mais a minha alma, o meu coração. Eu posso interferir na imagem, sou mais artista. Interfiro constantemente na imagem. O preto-e-branco pode ser dramático, pode ser glamoroso, pode ser sofisticado, contundente. Do ponto de vista técnico, eu interfiro, posso expor mais ou menos, depende daquilo que eu quero. É um jogo constante que começa na tomada da imagem. É um problema de edição. Se errar a luz vou ter uma péssima imagem.

Estado — Por quê?

Martinelli — A cor ilude imediatamente pelo simples fato de ser cor. Ela chama atenção pela cor. É a realidade, é o que todo mundo enxerga. Como detesto o que todo mundo enxerga, quero mostrar o que ninguém tem capacidade para ver. É preciso aprender a fazer a leitura nos meios-tons. Entender que existem histórias em preto-e-branco e histórias em cor. A magia do preto-e-branco é que você consegue ser contundente, passar a infor-



No Rio Inhamundá, afluente do Amazonas: poesia e beleza fora do lugar-comum

mação sem ser explícito. O leitor não aguenta mais o óbvio.

Estado — Que você acha da fotografia digital?

Martinelli — Acho ótimo. A tecnologia serve para isso. Para mostrar mais um ponto de vista, mais uma alternativa para quem faz jornal ou revista. Eu acredito na mídia impressa. Ela é genial, tem cheiro, emoção. O que não pode é achar que a fotografia digital vai derrubar a tradicional. Você não pode dizer, a partir de agora acabaram os filmes, acabou o papel. Isso é bobagem. Uma coisa ajuda a outra. Existe a história que pode ser em fotografia digital, tem a manipulação no computador a partir do momento em que a foto está digitalizada e pode criar uma ilustração interessante também com a participação de outros artistas. É uma contribuição a mais. Mas a fotografia convencional vai continuar existindo.

Estado — Como você definiria a fotografia?

Martinelli — É um documento. Como a carteira de identidade. Serve para documentar uma época, uma geração, para documentar minha passagem por esse pedaço do mundo (Amazônia). É fundamentalmente memória, principalmente no Brasil, onde existem muitas coisas a serem contadas.

Estado — Como fotógrafo você já viajou o mundo todo? Você faz um diário fotográfico dessas imagens? Como é sua memória?

Martinelli — A fotografia é a minha

vida. E eu a reconstruo por meio das imagens. É a memória da minha vida. Além das imagens, existe a música. Gosto muito de música, fui criado ouvindo música clássica, ópera. Assim como as imagens, o som para mim é comoção. Eu fico uma semana na Colômbia e fico ouvindo junto com o motorista do carro a fita que ele gosta. Daí eu peço a fita e isso se incorpora à minha vida. Além disso, fotografo todos os personagens que me cercaram, o motorista, o garçom, a camareira, o cozinheiro. Eles são os personagens da minha vida. Minha memória é muito curta, não consigo guardar tudo. Então junto a música com os retratos e me remeto imediatamente aos lugares por onde passei. Não tenho diário escrito.

TECNOLOGIA REVELA OUTROS PONTOS DE VISTA

Estado — Qual é sua fonte? Quem inspira você?

Martinelli — O dia-a-dia. Estou sempre aprendendo com alguém. Meu dia-a-dia está aberto a todos. Não vou dizer que me inspirei no Cartier-Bresson. Aprendi com o Bresson, assim como aprendi com Sebastião Salgado, com Richard Avedon. Eu sou grande "sugador" das coisas boas. A minha melhor qualidade é saber identificar as coisas boas e saber editar isso. Acho que sou um bom editor de vida. Quem comanda é o meu olho.

Estado — O que você pretende com seu trabalho na Amazônia?

Martinelli — Fazer com que os dois mundos se conheçam. Essa é minha função. Quero trazer o ponto de vista daquele povo de lá para esse povo daqui. Quero mostrar a dignidade do caboclo. Prestar atenção nessa Amazônia.

Olhar como é digna também a vida por lá.

Estado — A fotografia é sua vida?

Martinelli — Claro. A fotografia no mundo é um documento real da vida como ela é. Não tem mentira. Se você montar, ela mostra que foi montada. Se você produzir, ela mostra que foi produzida e, se você fotografar o que está acontecendo, ela mostra o que está acontecendo. Você aperta um botão e, no mínimo, está registrando um momento único de uma época, de uma geração de um pedaço de terra. É emoção, ou você passa o que quer dizer ou não. Ela é imediatista. Ou você gosta ou não. Comunicação imediata. Eu vivo disso. É o meu oxigênio.

Estado — Você falou em apertar o botão, mas uma fotografia não termina quando você dispara, ela começa.

Martinelli — Ela começa, porque quando você aperta, você fica digerindo aquilo e tenta descobrir se conseguiu ou não o que queria. Isso cria ansiedade. No meu caso, na Amazônia, a partir do momento em que eu aperto o botão só vou ver o resultado um mês depois. Ai você já imagina o resultado.

Estado — Mas você sabe que tecnicamente ela está perfeita...

Martinelli — Às vezes não. Eu trabalho muito no limite, quando não tenho noção nenhuma se tecnicamente ela está perfeita. Muitas vezes eu trabalho à noite na Amazônia. Então é preciso usar o instinto jornalístico para ajustar a câmera.

Estado — Então você nunca tem a certeza?

Martinelli — Não existe a certeza. Na fotografia tudo é sempre risco...



Flagrante da alegria: um dos objetivos é melhorar a qualidade de informação sobre a população

SEU PROJETO É RESGATAR MEMÓRIA DO BRASILEIRO